

GLENNON DOYLE MELTON

UMA HISTÓRIA DE  
DOR, AMOR E  
AUTODESCOBERTA



# SOMOS GUERREIRAS

intrinseca



SOMOS  
GUERREIRAS



# SOMOS GUERREIRAS

Uma história de dor, amor  
e autodescoberta



Glennon Doyle Melton

Tradução de  
Andrea Gottlieb



Copyright © 2016 by Glennon Doyle Melton

Todos os direitos reservados ao proprietário.

TÍTULO ORIGINAL

Love Warrior

PREPARAÇÃO

Carolina Rodrigues

REVISÃO

Laís Curvão

Luiz Felipe Fonseca

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Joanna Kosmides Edwards

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Elmo Rosa

Alguns nomes e características de pessoas foram modificados, e tal fato nem sempre está assinalado no texto, e alguns personagens e eventos foram condensados ou tiveram sua ordem alterada.

A autora agradece a permissão para a reprodução de “Hero”, letra e composição musical de Walter Afanasieff e Mariah Carey © 1993 WB Music Corp., Wallyworld Music, músicas da Universal Inc. e Rye Songs. Todos os direitos de Wallyworld Music. Administrados por WB Music Corp. Todos os direitos de Rye Songs administrados por Songs of Universal, Inc. Todos os direitos reservados. Uso com permissão de Alfred Music e Hal Leonard Corporation.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M486s

Melton, Glennon Doyle, 1976-

Somos guerreiras / Glennon Doyle Melton; tradução Andrea Gottlieb. –

1. ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

320 p.

Tradução de: Love Warrior

ISBN: 978-85-510-0149-3

1. Melton, Glennon Doyle, 1976 – Casamento. 2. Melton, Glennon

Doyle, 1976 – Divórcio. 3. Mulheres divorciadas - Estados Unidos -

Biografia. I. Gottlieb, Andrea. II. Título.

17-39312

CDD: 306.89

CDU: 316.813.5

[2017]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para vovó Alice, cujos dedos dançaram por aquelas  
contas e me trouxeram Maria.*





*Eu não estou com medo... Nasci para fazer isso.*

JOANA D'ARC



# Prefácio



**E**STÁ QUASE NA HORA. Meu pai e eu estamos diante de um longo tapete branco, colocado hoje mesmo de manhã na grama recém-cortada. O quintal dos fundos onde Craig passou a infância foi transformado pela chegada do outono e pela promessa que este dia guarda. Meus ombros estão nus, e sinto um arrepio, então ergo o rosto na direção do sol. Semicerro os olhos, e o sol, as folhas e o céu se fundem num caleidoscópio de azul, verde e laranja. As folhas, o homem prestes a se tornar meu marido, nossas famílias sentadas elegantemente com suas melhores roupas e eu — estamos todos nos transformando. Estamos nos renovando. É um dia de mudanças.

Esperamos a música começar para podermos dar início à curta caminhada que parece não terminar nunca em direção a Craig. Observo-o de pé na outra ponta do tapete, lindo, jovem e nervoso. Ele ajeita a gravata, une as mãos em frente ao

corpo e então as coloca nos bolsos, para logo em seguida tirá-las outra vez e juntá-las à lateral das pernas como se fosse um soldado. Ele parece nervoso, e sinto vontade de correr até lá e segurar suas mãos inquietas. Mas minhas mãos estão ocupadas: uma segurando a mão do meu pai, a outra na minha barriga. Sou uma ponte entre o meu passado e o meu futuro. Enquanto observo Craig, os convidados se viram para me observar. Toda essa atenção me deixa desconcertada — sinto-me uma fraude, como se só estivesse fingindo ser uma noiva. Meu vestido está apertado demais na cintura e estou com cílios postiços, uma tiara de pedras falsas e saltos que mais parecem pernas de pau. Estou mais para fantasiada do que para produzida. Mas essa é a aparência que se espera de uma noiva, e desde o dia em que decidi ficar sóbria e me tornar mãe venho tentando me transformar em quem esperam que eu seja.

Nossa música começa a tocar e meu pai aperta minha mão. Olho para ele, que sorri e diz: “Aqui vamos nós, meu bem.”

Ele me dá o braço, de forma que todo o seu corpo sirva de apoio ao meu. Enquanto caminho com meu pai começo a ficar tonta, então olho para a minha irmã. Ela está ao lado do pastor, com um vestido vermelho-fogo. O cabelo está preso num coque, suas costas, eretas, e sua segurança é uma enxurrada que leva meu medo embora. Se há alguém no comando, esse alguém é ela. Minha irmã sorri para mim, e seu olhar fixo e intenso diz: *Se você continuar andando, estarei aqui para ficar do seu lado. Se você se virar e sair correndo, vou segui-la e nunca olharemos para*

*trás. O que quer que você faça agora, mana, ficará tudo bem. Estou aqui. É o que ela me diz desde que nasceu. Está tudo bem. Estou aqui.*

Continuo andando. Quando chegamos ao fim do tapete, o pastor pergunta:

— Quem entrega esta mulher em casamento?

— A mãe dela e eu — responde meu pai.

Ele entrega minha mão a Craig, que a aceita, porque é isso que se espera. Em seguida, meu pai não está mais ali, e Craig e eu nos encaramos, segurando as mãos trêmulas um do outro. Nossas mãos formam uma pilha desequilibrada. Olho para baixo e me pergunto qual de nós vai acalmar o outro. Precisamos de uma terceira pessoa para fazer nossas mãos pararem de tremer. Olho para minha irmã, mas ela não pode ajudar agora. Não há uma terceira pessoa. É isso que o casamento é.

Quando chega a hora de trocarmos os votos, digo a Craig que ele é minha prova de que Deus me conhece e me ama. Craig responde com um aceno de cabeça e em seguida promete me colocar acima de qualquer pessoa pelo resto da vida. Olho em seus olhos e aceito a promessa em meu nome e também em nome do nosso bebê. O pastor diz:

“Eu os declaro senhor e senhora Melton.”

Está feito. Sou uma nova pessoa. Sra. Melton. Espero ser melhor no papel dela. Espero me transformar. Essa é a esperança de todos os presentes no quintal.





*N*arro aqui a história do meu casamento. Quando a escrevi pela primeira vez, comecei pelo dia da cerimônia, pois pensava que um casamento começava a partir dessa data. Essa suposição foi meu erro.

Retornaremos ao dia do meu casamento e a toda a terrível mágica que se operou em seguida, mas, por enquanto, começemos pelo começo. Afinal, essa é nossa única opção.





# PARTE UM



# 1

**E**U FUI AMADA. SE O AMOR pudesse evitar a dor, eu jamais teria sofrido. Meu álbum de bebê com *Glennon* gravado na capa de couro é um longo poema escrito pelo meu pai e preenchido por fotos da minha mãe com as expressões carinhosas segurando minha mãozinha rosada e enrugada enfeitada por uma pulseira. Sobre o meu nascimento, meu pai escreveu:

*Na verdade, não foi  
um choro  
Aquele primeiro som  
Foi uma fanfarra  
Anunciando uma maravilha  
Que jamais  
Será  
Repetida*

*Não há lençóis de cetim  
Não há criadas  
Nenhum emissário com joias  
Nenhuma trombeta ou anúncio  
Onde estão?  
Não sabem o que  
Aconteceu aqui?!  
Uma princesa chegou.*

Eu fui amada. Do mesmo jeito que minha filha é amada. E ainda assim, certa noite, ela se sentou na beira da minha cama, olhou para mim com os olhos castanhos vulneráveis e disse:

— Eu sou grande, mamãe. Sou maior do que as outras meninas. Por que sou diferente? Quero ser pequena outra vez.

As palavras saíram entrecortadas, como se ela detestasse admitir aquilo para mim, como se tivesse vergonha de revelar sua verdade oculta. Olhei para as lágrimas, as marias-chiquinhas, o gloss e a sujeira em suas mãos — resultado de ter escalado a árvore do jardim. Vasculhei minha mente à procura de uma resposta digna dela, mas não havia nada. Tudo que eu tinha aprendido sobre ser mulher, corpos, poder e dor desapareceu ao ouvir a forma como a minha menininha disse a palavra *grande*. Como se ser grande fosse a sua maldição, sua condição irrefutável, seu segredo, sua desgraça. Como se ser grande fosse algo que estivesse crescendo inevitavelmente *dentro* dela, algo que ameaçasse seu contrato com o mundo.

Minha filha não estava perguntando: Como vou lidar com o tamanho do meu corpo? Ela estava perguntando: *Como vou sobreviver sendo este tipo específico de pessoa neste tipo específico de mundo? Como ficarei pequena como o mundo quer que eu fique? E se eu continuar crescendo, como alguém vai me amar?* Olhei para a minha filha e não disse *Mas você não parece grande, meu amor.* Ela não parecia, mas eu também não. Não pareci grande sequer um dia da minha vida. Não importa: minha filha e eu prestamos atenção. Sabemos o que o mundo quer de nós. Sabemos que devemos decidir entre ficar pequenas, quietas e descomplicadas ou nos permitir ficar tão grandes, barulhentas e complexas como fomos feitas para ser. Toda garota precisa decidir entre ser fiel a si mesma ou ao mundo. Toda garota deve decidir entre se contentar com a adoração ou lutar pelo amor. Ali na cama, com suas marias-chiquinhas e sua dor, minha filha era eu — a menininha que fui um dia, a mulher que sou agora, ainda lutando para responder às perguntas: *Como posso ser expansiva e livre, e ainda ser amada? Vou ser uma dama ou vou ser completamente humana? Devo confiar no que está por vir e continuar crescendo ou devo reprimir isso tudo para me encaixar?*



Tenho quatro anos, e meu pai é técnico de futebol americano em um colégio do nosso bairro. Num noite de jogo, minha mãe me agasalha com um casaco felpudo, protetores de orelha e luvas. Ao terminar, ela se ajoelha na minha frente e admira

seu trabalho. Ela está satisfeita. Coloca as mãos nas minhas bochechas, puxa meu rosto na direção do seu e me dá um beijo no nariz. Juntas, agasalhamos minha irmãzinha, Amanda, com um macacão de frio fofinho. Amanda é o nosso presente, e minha mãe e eu passamos o dia inteiro a arrumando e desarrumando. Quando ela está vestida, nós nos revezamos abaixando e beijando suas bochechas enquanto ela chuta e ri, os braços abertos como se fosse uma estrela-do-mar.

Entramos na nossa van, percorremos o caminho até o colégio e ouvimos as folhas secas se esfarelando debaixo das nossas botas ao longo da caminhada até o estádio. Enquanto subimos os degraus cobertos por pipoca, os tambores da banda marcial enchem o meu peito, o cheiro de cachorro-quente preenche meu pulmão e o rugido da multidão invade a minha cabeça. A noite é caótica, mas minha mão coberta pela luva está segura na da minha mãe, e ela me guia adiante. Quando chegamos à entrada, as moças da bilheteria sorriem, colocam a mão sobre o peito e dizem: “Mas vocês são três coisinhas lindas!” Elas fazem sinal para entrarmos, porque somos as garotas do técnico, então não precisamos pagar. Mamãe e eu sorrimos para as moças, dizemos *obrigada*, e juntas nos unimos à multidão sob as luzes fortes do estádio. Quando nos veem, alunos e pais abrem caminho depressa. Surge um corredor. Uma reverência silenciosa é a resposta do mundo para a beleza da minha mãe. Quando a veem, as pessoas param e esperam, cheias de esperança, até ela olhar de volta. Ela sempre olha. Minha mãe é atenciosa com

as pessoas. Os estranhos lhe dão atenção, e ela retribui. Ela é uma rainha que reina com bondade. É por isso que as pessoas olham fixamente. Elas olham porque minha mãe é linda, mas se detêm porque ela transborda amor. Estou sempre estudando minha mãe e estou sempre observando os outros a observando. *Ela é uma criança tão bonita*, estranhos dizem diariamente à minha mãe. Preciso aprender o que fazer, porque a beleza é uma responsabilidade. Parece que as pessoas esperam muito dela.

A beleza da minha infância é perceptível nas fotos: cachos castanho-claros até a cintura, pele de porcelana, sorriso largo como o horizonte e olhos castanho-acinzentados. Quando desconhecidos me admiram, pratico a arte de retribuir sua atenção. Entendo que a beleza é uma forma de bondade. Ela foi feita para ser doada, e tento ser generosa. Na tentativa de manter um equilíbrio, meus pais sempre me lembram de que sou inteligente. Aprendi a ler muito cedo e, aos quatro anos, já converso como os adultos. Mas logo me dou conta de que ser inteligente é mais complicado do que ser bonita. Desconhecidos se aproximam e passam as mãos pelos meus cachos, mas quando falo com eles com confiança e clareza, seus olhos se arregalam, e eles recuam. São atraídos pelo meu sorriso, mas repelidos pelo meu desembaraço. Eles se recuperam depressa e riem, mas a essa altura já se afastaram. Eu sinto isso. Eles queriam me adorar, e eu compliquei as coisas me intrometendo enquanto me saboreavam. Começo a entender que a beleza entusiasma as pessoas, enquanto a inteligência as deixa pouco à vontade. Também en-

tendo que ser amada pela beleza é uma situação delicada para uma menina. Daqui a alguns anos, quando eu me tornar menos bonita, quando não tiver mais cachos magníficos a serem acariciados ou uma pele perfeita a ser admirada, quando não for mais pequena, simples e preciosa, pergunto-me como poderei ser digna de dar ou receber amor. Perder a beleza será como uma desgraça que me tornará inútil. Será como se eu não tivesse cumprido a minha parte do acordo e o mundo inteiro ficasse desapontado comigo. Sem a beleza, o que mais terei para entusiasmar as pessoas?

Mas, por enquanto, nós três ainda somos perfeitas. Ficamos juntinhas nos nossos assentos e torcemos juntas pelo nosso time. Quando o jogo acaba, corro para o campo, pois papai está me procurando, sempre me procurando. Passo correndo pelas pernas protegidas dos jogadores ao encontro do meu pai, que me ergue acima da cabeça. Os atletas se afastam para nos dar espaço. Giramos até as luzes do estádio e a multidão se fundirem e o mundo inteiro se transformar em um borrão. Só uma coisa é nítida: que meu pai está logo abaixo de mim. Ele me coloca no chão, e enquanto recupero o equilíbrio vejo que minha mãe e minha irmã estão chegando até nós. Ao se aproximar, minha mãe irradia todo o seu brilho sobre meu pai. Ela tem mais brilho e intensidade do que todas as luzes do estádio combinadas. Meu pai a abraça e, em seguida, pega nosso bebê estrela-do-mar e beija suas bochechas. Nós quatro somos uma ilha. Essa celebração acontece após todos os jogos, não importa que tenhamos vencido ou per-

dido. A vitória do meu pai somos nós. Nós nos viramos e atravessamos a multidão — não mais uma ilha, mas um desfile —, e as pessoas sorriem e acenam enquanto nós quatro damos as mãos e cantamos o hino do time até chegarmos à van.



Tenho dez anos e estou tentando desaparecer no canto do sofá de veludo da sala da minha avó. Meus primos perseguem uns aos outros pelos cômodos, um tornado de gritos e pele. É verão, e a maioria deles está usando roupa de banho como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Seus corpos são leves e pequenos, e eles parecem flutuar e planar juntos como uma unidade — um cardume de peixinhos. Eles brincam juntos, mas brincar requer ausência de pudor e estar junto requer um senso de pertencimento. Não tenho nenhuma dessas coisas, então não posso me juntar a eles. Não sou um peixe. Sou pesada, solitária e isolada, como uma baleia. É por isso que permaneço afundada no sofá e só observo.

Estou agarrada à minha tigela de batatas chips já vazia, e chupo os dedos cheios de sal quando uma tia passa e me vê. Ela olha para mim e para os meus primos, então pergunta:

— Por que você não quer brincar, Glennon?

Ela percebeu o meu isolamento. Sinto vergonha.

— Estou só olhando — respondo.

Ela sorri e diz com ternura:

— Gostei dessa sombra em você.





**"VOCÊ VAI AMAR ESTE LIVRO. NÃO IMPORTA SE VOCÊ É SOLTEIRA OU CASADA. SE TEM FILHOS OU NÃO. TODA MULHER SE RECONHECERÁ NESTAS PÁGINAS."**

**OPRAH WINFREY**, ao anunciar

*Somos guerreiras no **Clube do Livro da Oprah***

**"ÉPICO. ESTE LIVRO VAI TRANSFORMAR VIDAS E SOU INFINITAMENTE GRATA QUE ELE EXISTA."**

**ELIZABETH GILBERT**, autora de *Comer, rezar, amar*

**"TODOS NÓS ENCONTRAMOS PARTES DE NOSSA HISTÓRIA REFLETIDAS NAS FORTES PALAVRAS DE GLENNON."**

**BRENÉ BROWN**, autora de *A coragem de ser imperfeito*

**U**m marido lindo e atencioso, filhos encantadores, o reconhecimento pelo sucesso profissional. O que mais Glennon poderia querer? A resposta é: muito, muito mais. Ela queria não ter tantas dúvidas, queria se comunicar melhor com o marido, queria apagar de sua história a bulimia e o alcoolismo, queria se encaixar nos padrões... queria não ter sido traída e que o casamento não tivesse se revelado uma tábua de salvação tão fracassada. Mas o que parece a maior das tragédias acaba se tornando a grande chance de Glennon. Agora, ela terá de enfrentar todos os problemas que desde a infância vinha escondendo embaixo do tapete. Glennon não vai mais apenas sobreviver — vai aprender a viver plenamente como a mulher que é de verdade.

ISBN 978-85-510-0149-3



9 788551 001493

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)